

O pãozeiro

Em minha cidade não há muitos empregos. Não falta dinheiro, não falta prefeito, não faltam alguns ricos, mas por motivos que não preciso explicar agora, poucas pessoas têm vontade de investir num negócio que gere empregos. Portanto, feliz aquele que é chamado para entregar pão. Trabalha muito e ganha pouco, mas ganha.

O trabalho dele é de alta responsabilidade. Tem que acordar cedo porque, antes de sair da padaria com sua bicicleta carregada, ele trabalha na produção do produto a vender. Depois, além de lutar contra a chuva, o sol quente, ventos contrários, ladeiras íngremes, buracos nas estradas de terra, pneus furados e cachorros bravos, ele é obrigado a defender a mercadoria que vende: Uma boa parte da clientela dele é daquele tipo que paga as dívidas do mês passado quando recebe a aposentadoria dos pais ou dos avôs, e depois passa o mês inteiro sem nenhum centavo no bolso. Pelo menos diz que é assim.

Não é fácil vender pão. O pão é o menor da cidade, e um ventinho fraco leva com facilidade uma sacola cheia de pão. Os clientes querem pão doce quando não há, e quando há com cobertura de goiabada, eles querem com cobertura de coco. Muitos prometem pagamento no dia seguinte ou pagam com uma nota de cem reais. Claro que, no meio do caminho, há diariamente algumas dezenas de moleques que pedem um pão de presente. Um pão só! A luta de defesa não para nunca.

Um dia me contaram que fizeram uma malícia com o pãozeiro. Na época ele vendia oito pães por um real. Perguntaram-no: “Oh pãozeiro! Você me dá sete pão por um real? Só hoje!” Ele, já preparado para defender o pão contra um daqueles ataques habituais, não percebeu que a proposta era a favor dele, e respondeu: “Não! Você sabe que o meu lucro é pouco e não posso dar desconto!”

Até hoje este acontecimento é motivo de risadas na rua e nos sítios.

Bruno Kägi 2013